



Mulheres da Antiguidade: apenas um espelho

TAIS PAGOTO BELO¹

1- Introdução

Este artigo tem como intuito explicar a apresentação que vai ser feita na Anpuh 2017, que tem como finalidade demonstrar as diferentes representações das mulheres na Antiguidade, as quais, por muito tempo, foram ocultadas pelos estudos do passado, mas que atualmente vem ganhando abrangência devido ao aumento dos estudos de gênero.

A história das mulheres, a qual se consagrou dentro da História Cultural, têm como objetivo explicar e compreender os debates ligados aos discursos de identidades, subjetividades e relações de poder no campo das questões de gênero, do pós-modernismo e das modificações teóricas pelas quais a História passou nos últimos tempos (Salerno & Zarankin, 2009; Bélo, 2014, p. 20).

O tema sobre gênero se tornou mais frequente na História ao longo das últimas décadas do século XX, quando se intensificou o debate a respeito dos métodos e da escrita da História e a inserção de temáticas até então desconhecidas (Feitosa, 2005; Bélo, 2014, p. 20).

O conceito de homem e mulher também começou a ser questionado segundo as características físicas, com desempenhos e parceiros sexuais específicos, fixados por uma tradição baseada em relações heterossexuais. As discussões foram levadas para o campo teórico, com análises das variedades e comportamentos pessoais adquiridos ao longo da História (Feitosa, 2005; Bélo, 2014, p. 22).

Dessa forma, este estudo leva em consideração o fato de como que as representações dessas mulheres no passado podem influenciar como as mulheres da atualidade vivem, são vistas e tratadas, pois as transformações que estão sendo ativadas hoje em dia em relação aos estudos das mulheres, e sobre os estudos de gênero, podem tomar novos padrões de compreensão delas e da sexualidade de uma forma geral, levando-se em conta as problemáticas atuais, as quais arrebatam para diferentes olhares culturais sobre o mundo em seu passado.

¹ Pós-Doutoranda do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), da Universidade Estadual de Campinas. Agência Financiadora: CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico



2

2- As representações das mulheres na Antiguidade

Em todas as ‘histórias’ as mulheres de diferentes locais e tempos, sofreram com o preconceito de diversos modos, suas figuras foram prejudicadas e, na maioria das vezes, colocadas de forma submissa aos homens. Nesse sentido, o escopo deste estudo é a busca dessas mulheres da Antiguidade, em especial da *Britannia*, durante a invasão do Império Romano, proposição que não está desconectada da contemporaneidade, tendo em vista que é pelo olhar atual, através de valores, crenças e comportamentos vivenciados, que será construída a interpretação desse conhecimento.

Com base na leitura de alguns textos antigos, nota-se a depreciação da mulher por alguns de seus autores. Um exemplo disso pode ser observado nas características dadas por Tácito e Dião Cássio na descrição que fizeram da personagem Boudica, rainha bretã da tribo dos iceni, a qual liderou um exército contra o Império Romano, no século I d.C. Depois de recusar entregar suas terras aos romanos, Boudica foi açoitada e suas filhas violentadas – evento que ocorreu depois da morte de seu marido, Prasutago (Bélo, 2014, p. 43). Como consequência desse ato, ela, sua tribo e a tribo vizinha, os trinovantes, se uniram para destruir os assentamentos romanos, de Camulodunum, Londinium e Verulamium. Boudica esteve no comando e foi caracterizada por esses autores como alguém que bateu de frente com a concepção de mulher e de liderança que eles tinham (Bélo, 2014, p. 9).

Sendo assim, nas obras *Anais* e *A vida de Agrícola*, de Tácito, e *História de Roma*, de Dião Cássio, Boudica foi descrita de forma muito polêmica e caracterizada como uma mulher masculinizada, com a voz e as armas de um homem, agressiva e hostil, além de incapaz de liderar um exército, porém muito inteligente, se comparada com outras mulheres (Bélo, 2014: 9).

A figura da guerreira, na posição de governante dos nativos, ia contra a questão de gênero aceita pelos romanos (Braund, 1996, Bélo, 2014: 45), pois suas mulheres tinham, em geral, um poder limitado dentro de uma sociedade governada por homens, embora pudessem possuir riquezas e serem influentes (Hingley & Unwin, 2005; Bélo, 2014: 45).

Essas mulheres, diferentes das bretãs, não iam para o campo de batalha, como o fez Boudica, mas, durante o período mais tardio da República e início do Império, algumas delas começaram a ganhar mais independência, assim como Lúvia, mulher de Augusto, que foi o



3

grande exemplo. Ela difundiu uma tendência de que as mulheres de família imperial poderiam desfrutar de considerável influência por meio de um representante. Contudo, durante o período em que Tácito e Dião Cássio escreveram suas obras, algumas dessas poderosas mulheres da realeza já estavam notoriamente mais bem consentidas no meio político, tais como as mulheres de Cláudio, Messalina, que foi executada, e Agripina, mãe de Nero, admirada e temida, bem como a mulher de Augusto, Lívvia (Aldhouse-Green, 2006; Bélo, 2014: 9).

Na obra *Anais*, Tácito descreve a imagem do governo de Nero, que se deixou levar pela influência feminina nos assuntos políticos. Com base no senso comum de sua sociedade, esse autor sugere que as más decisões de Nero somente foram possíveis em decorrência de conselhos dados por mulheres como Agripina, sua mãe; Otávia, primeira esposa, de 53 a 62; e Popeia, segunda esposa, de 62 a 65. Tácito aponta a percepção de que seria impossível que um bom governo pudesse ser caracterizado pela presença feminina. A primeira fase do governo de Nero, por exemplo, que vai de 54 a 59, é descrita como uma administração de um bom homem, sem influências femininas. Todavia, do ano de 60 a 62, seu governo passa a ser descrito como passivo de manipulação feminina, razão pela qual, segundo a narrativa, decaiu. Já a terceira fase, do ano de 63 a 66, é o período de maior vício, em que o controle feminino sobre ele é mais destacado (Varella, 2006; Bélo, 2014: 10).

De acordo com Johnson (2012), Tácito faz a seguinte comparação entre as mulheres que cita em sua obra: Cartimandua, outra rainha bretã, da tribo dos brigantes, aliada de Roma, foi considerada um símbolo de servidão romana e moralmente corrupta, como Messalina. O autor menciona que ela tinha até uma poluição visual, destruidora do seu e de outros casamentos. No caso de Agripina, era muito marcante, extremamente política, de degeneração ética, vista como outra mulher imperial que simbolizou a decomposição de Roma. Tácito comenta, inclusive, suas formas corporais, as quais eram sinônimos de vergonha. Menciona, também, que, da mesma forma que Cartimandua e Messalina, Agripina destruiu a unidade familiar e perturbou a liderança cívica, desestabilizando-a. O autor contrastou essa bretã com Boudica, a qual esteve ao lado de seu marido durante sua morte, consolidando remanescentes familiares e de sua tribo e, ainda, lutou pela liberdade de seu povo (Johnson, 2012; Bélo, 2014: 10).

Cartimandua foi descrita nos *Anais* de Tácito como infiel ao marido. Segundo relata, ela teria entregado Carataco, líder de uma rebelião contra os romanos na ilha, no ano de 51.



4

Tácito a retrata como traiçoeira, imoral e adúltera, enquanto Boudica, ao contrário, foi descrita como uma mulher devota e moral, porém equivocada (Hingley & Unwin, 2005; Bélo, 2014: 44).

Posteriormente, essa percepção acerca dessas mulheres se alastrou, sendo, até os dias de hoje, Boudica a que mais atraiu interesse, havendo, então, um maior número de trabalhos escritos sobre ela, se comparada a Cartimandua. Essa justificativa está relacionada ao período do século XIX, quando esses trabalhos foram mais evidenciados, tendo em vista que a vida privada dessa última não foi considerada um modelo de mulher a ser seguido (Allason-Jones, 2012: 469).

Allason-Jones (2012) discorre sobre a correlação das leis romanas no que diz respeito às mulheres e às províncias do Império. Além disso, menciona que para cada província havia um código de lei desenvolvido para amalgamar as existentes leis nativas com as de Roma, porém essas leis também se modificavam ao longo do tempo. Entretanto, algumas delas eram continuamente readaptadas ou reintroduzidas, citando como exemplo as leis que estabeleciam que as mulheres deveriam ficar sob a guarda da *potestas*. Para ilustrar, Allason-Jones (2012) utiliza o exemplo de Cícero, que declarou que seus ancestrais estabeleceram a lei segundo a qual toda mulher, por causa de sua fraqueza de inteligência, deveria estar sob o poder de protetores. Dessa forma, a autora comenta a discrepância entre as bretãs, que já eram líderes de seus grupos, e as romanas, sendo essa uma lei que contrapunha todos os preceitos culturais de vida da mulher nativa (Allason-Jones, 2012: 469).

A família era a base da organização social romana, composta de pai, mãe, filhos, além de escravos, animais e a própria propriedade, onde o pai exercia o domínio sobre todos e decidia seus destinos (Sampaio & Venturini, 2009: 2). Era a família paterna que definia severamente a identidade dos filhos e os vínculos de herança, assim como nome, culto e residência. Já a família da mãe, sem vinculações institucionais, estabelecia relações mais ternas com seus afilhados, netos e sobrinhos (Funari, 1993: 44). Os pais tinham o poder de decisão sobre a propriedade e o destino das mulheres e das crianças, que eram consideradas objetos de sua propriedade, assim como os animais e as plantações (Omena 2007; Sampaio & Venturini, 2009: 2).

3- As mulheres da *Britannia*

Em relação aos bretões, Allason-Jones (2012), citando Júlio César, menciona que “grupos de dez ou vinte homens tinham grupos de mulheres em comum, e particularmente, irmãos juntamente com irmãos e pais com filhos, mas a criança nascida pertencia a casa da mulher, a qual ela foi primeiramente conduzida” (Julius Caesar, *De Bello Gallico* V. 14; Allason-Jones, 2012: 467). Essa atividade de sexo livre também foi questionada por Julia Domna a uma esposa de chefe nativo da Caledônia, Argentocoxus, em Dião Cássio (Cassius Dio, *Roman History* 77.16.5), o que fez Allason-Jones (2012) interpretar esses eventos com a hipótese da possibilidade de que as famílias bretãs poderiam ser matriarcais (Allason-Jones, 2012: 467).

Outro exemplo desse fato está elucidado em *A vida de Agrícola*, em que Tácito menciona que “os bretões não fazem distinção do sexo de seus líderes” (Tácito, *Agrícola* 16), como também em *Anais*, quando o autor relata que tanto Boudica quanto Cartimandua eram líderes de tribos bretãs. Entretanto, não se sabe ao certo o quão comum era que as mulheres bretãs comandassem um exército durante a Idade do Ferro (Hingley & Unwin, 2005; Bélo, 2014, p. 44).

Além das fontes escritas, a figura da mulher na *Britannia*, entre romanas e bretãs, foi evidenciada de forma epigráfica em alguns sepultamentos. Todavia, são poucas as inscrições que demonstram a existência delas sozinhas, na medida em que a maioria é de origem militar, mais facilmente encontrada em zonas militares. Segundo Allason-Jones (2012), apenas 10% desses vestígios abordam as mulheres, havendo variações de informações desde um simples nome até biografias insignificantes (Allason-Jones, 2012: 470).

Essas fontes faziam parte, geralmente, de sepultamentos de famílias inteiras ou de texto redigido do marido para a sua esposa. Dessa forma, pode-se deduzir que a família era um elemento importante para essa comunidade da Bretanha Romana. Entretanto, essa região era um lugar tão cheio de migrantes de outras províncias (ou mesmo de nativos) que não dá para se ter uma ideia exata da típica família romano-britânica (Allason-Jones, 2004: 273).

O que vem sendo presumido é que, nessas províncias, o modo de vida romano era a norma dentro do Império Romano e que a ideia de família romana foi seguida por todas as províncias. Entretanto, a maioria da população nativa da *Britannia*, antes da chegada dos romanos, parece ter vivido em extensos grupos familiares e talvez muitas famílias rurais devam ter continuado assim pelo menos até o segundo século d.C. A típica família bretã da Idade do Ferro e do início do período romano vivia dentro de uma edificação com duas ou

três famílias inter-relacionadas (Allason-Jones, 2004: 273 - 274).

Para acrescentar, houve também vários casamentos entre romanos e nativos, cujo exemplo pode ser evidenciado no sepultamento de Regina, encontrado em South Shields, datado do segundo século d.C., que, além das inscrições, apresenta sua imagem com roupas, joias e mobília, caracterizando um verdadeiro altar. A inscrição diz que ela era uma nativa da tribo dos catuvellauni, que morreu aos trinta anos (*RIB 1065*) e era uma mulher livre, esposa de Barates, de Palmyra (Allason-Jones, 2012: 470).



Figura 1 – Altar de Regina, encontrado em South Shields, datado do século II d.C.

“© Newcastle University all rights reserved”

O altar de Regina está dividido em quatro fragmentos e emoldurado em duas pilastras nas quais a falecida fica sentada em uma cadeira de vime voltada para frente. Ela veste um manto com mangas longas sobre uma túnica, o qual chega até os pés. Em volta de seu pescoço, há um colar e pulseiras em seus punhos. Em seu colo, ela possui uma roca e um fuso. Além disso, enquanto do seu lado esquerdo encontra-se um cesto de trabalho, com novelos de lã, com sua mão direita, ela segura um porta-joias aberto. Ela possui uma grande auréola em volta de sua cabeça, mas seu rosto está cortado².

² Disponível em <http://romaninscriptionsofbritain.org/inscriptions/1065>, acessado em 02/11/2015.



7

Epitáfio:

D(is) M(anibus) Regina liberta et coniuge
Barates Palmyrenus natione
Catvallauna an(norum) XXX³

Tradução⁴:

Proposta de interpretação gramatical e sintática:

Barates Palmyrenus, diis manibus, Regina liberta Catuallauna natione annorum XXX

Barates de Palmira (construiu este monumento), em dedicação aos deuses manes, para a liberta Regina, sua esposa, da nação catuvelauna, com trinta anos de idade.⁵

Ao estudar esses sepultamentos, os objetos que estão ali, sua inscrição e o contexto em que estão inseridos, o estudioso deve ter um olhar imparcial para com essas fontes. Entretanto, essa é uma questão bastante delicada de se expor, pois o pesquisador também está envolto em seus costumes, cultura, nunca podendo ter o mesmo olhar que um ser humano de outro tempo. Além disso, mostra-se bastante complicado atribuir achados ou grupos de achados a um determinado sexo.

Allason-Jones (2012) cita que colares, brincos, grampos para cabelos e objetos feitos de âmbar eram utilizados geralmente por mulheres, enquanto broches, pela elite civil masculina militar. No entanto, quando se utiliza esse tipo de classificação de que uma cultura material é ligada a um ou outro sexo, pode ocorrer que quando se encontra um objeto em um contexto totalmente diferente do esperado, ou ligado ao “sexo errado”, haverá requerimento de argumentos muito sinuosos para se provar algo diferente ou uma anormalidade. Dessa forma, é fundamental que os restos mortais sejam identificados (Allison-Jones, 2012: 473), se possível corretamente, antes de se fazer qualquer tipo de classificação.

As evidências de artefatos e as inscrições comprovam que um número considerável de mulheres vivia em fortes, demonstrando que parecia ser comum que os oficiais tinham consigo suas mulheres, filhos e servos. Um exemplo disso foi encontrado em algumas fontes materiais, bem como com o sepultamento de Julia Lucilla (*RIB* 1271, 1288), filha de um senador, casada com Rufinus, comandante de um alto posto em um forte em High Rochester, Northumberland (Allason-Jones, 2012: 475).

Sobre Julia Lucilla e Rufinus, foram encontradas duas inscrições. A primeira (*RIB*

³ Disponível em <http://romaninscriptionsofbritain.org/inscriptions/1065>, acessado em 02/11/2015.

⁴ Tradução de Pedro Paulo A. Funari.

⁵ Funari entende, com *RIB*, que Regina Liberta está no ablativo, no lugar do usual dativo.



8

1271), descoberta em 1729, no forte de High Rochester, e datada de 43 – 410 d.C., foi elaborada em um altar de arenito, dedicado a Silvanus Pantheus. Atualmente ela se encontra no Museu de Durham⁶.

Epitáfio:

Silvano
[Pa]ntheo
[p]ro salute
[Ru]fin[i] trib(uni) et
[L]ucillae eius Eutyclus
Lib(ertus) c(um) s(uis)
v(otum) s(olvit) l(ibens) m(erito)

Tradução⁷ (Pedro Paulo A. Funari):

O liberto Eutyclus, com os seus, cumpriu o voto merecido (pela divindade Silvano Pantheus), de forma espontânea, (com este monumento) para o deus Silvano Pantheus, pela salvação do tribuno Rufino e de sua Lucília⁸.

A outra inscrição (*RIB* 1288) sobre Lucilla também foi encontrada no forte de High Rochester, em 1809. Essa segunda inscrição foi trabalhada em uma lápide feita em arenito e atualmente está exposta no corredor norte da igreja Elsdon⁹.

Epitáfio:

[...] S
[...]
..HII . 4 . I .. II ... II .
[.] coh(ortis) I Vardul(lorum) [...]
[... praef(ecto)] coh(ortis) I Aug(ustae)
Lusitanor(um) item coh(ortis) I
Breucor(um) item coh(ortis) I
Breucor(um) subcur(atori) viae
Flaminiae et aliment(orum)
Subcur(atori) operum publ(icorum)
Iulia Lucilla c(larissima) f(emina) marito
b(ene) m(erenti) vix(it) an(nos) XLVIII
m(enses) VI d(ies) XXV

Tradução¹⁰:

⁶ <http://romaninscriptionsofbritain.org/inscriptions/1271>, acessado em 02/11/2015.

⁷ Tradução de Pedro Paulo A. Funari.

⁸ Disponível em <http://romaninscriptionsofbritain.org/inscriptions/1271>, acessado em 02/11/2015.

⁹ Disponível em <http://romaninscriptionsofbritain.org/inscriptions/1288>, acessado em 02/11/2015.

¹⁰ Tradução de Pedro Paulo A. Funari.



9

Júlia Lucila, claríssima mulher¹¹, (construiu este monumento) para o seu marido, merecedor, que foi da primeira coorte dos Vardulos, prefeito da primeira coorte augusta de lusitanos, também da primeira coorte dos breucos, vice-curador da Via Flamínia e da provisão de alimentos, assim como de obras pública: ele viveu 48 anos, 6 meses e 25 dias¹².

De acordo com Allason-Jones (2012), era permitido aos centuriões e decuriões casarem-se ao longo de sua jornada militar, algo que, posteriormente, também foi permitido aos soldados (Allason-Jones, 2012, p. 475; Allason-Jones, 2004, p. 274). Muitos dos memoriais para mulheres de soldados, ou aqueles elegidos pelas suas viúvas, são datados de depois de 197 d.C., quando Septímio Severo deu a permissão aos soldados de usarem anéis de ouro e de casarem-se (Allason-Jones, 2004: 283).

O segundo maior contexto comum de se encontrar vestígios das mulheres na *Britannia* são as superfícies das estradas ou em seus drenos. Muitas mulheres devem ter visitado a *Britannia* durante esse período, trazendo consigo objetos pessoais de suas terras natais, assim como sua moral, religião e tradição familiar. Essas viagens poderiam ter resultado em uma mistura de evidências, as quais devem ser tratadas com o cuidado necessário (Allason-Jones, 2012: 475).

Essas mulheres também poderiam seguir seus pais, maridos ou irmãos nas cidades, onde adquiriam o direito do *ordo*. Os conselhos que governavam as *coloniae*¹³ e *municipia*¹⁴ eram reservados para homens com mais de 30 anos, que satisfaziam as qualificações apropriadas, mas a reputação desse cargo era dividida por toda a família, um exemplo disso é mostrado no sepultamento de Aelia Severa (*RIB* 683), esposa de um decurião de York, a qual foi chamada de *honesta femina*, título reservado às mulheres da classe curial (Allason-Jones, 2004, p. 284). Esse sepultamento foi encontrado em 1859, em forma de caixão, datado de 43 – 410 d.C., e está exposto atualmente no museu de Yorkshire¹⁵.

¹¹ *Clarissima femina*, termo usado na antiguidade tardia, para se referir a uma mulher da aristocracia.

¹² Disponível em <http://romaninscriptionsofbritain.org/inscriptions/1288>, acessado em 02/11/2015.

¹³ A *colonia* era o *status* mais alto que um assentamento romano poderia chegar, um exemplo é Camulodunum, que recebeu esse *status*, pois virou um assentamento de legionários aposentados que teriam servido em uma ou mais legiões na *Britannia*; com um ar militar, tinham a intenção de fazer dela a nova capital da província para testar o controle dos novos territórios; as funções principais da *colonia* eram a manutenção dos veteranos e a abertura para o fornecimento de novos recrutas. Sendo assim, Camulodunum era incumbida da promoção e proteção contra qualquer oponente (Fields, 2011). O nome dessa nova *colonia* não se sabe ao certo, mas as inscrições citam o nome *Colonia Vectricensis*, ‘A Colônia dos Vitoriosos’ (Sealey, 1997; Bélo, 2014: 146).

¹⁴ O *municipium* era um tipo de área urbana, assim como o foi Verulamium com seu impressionante desenvolvimento (Sealey, 1997), que levou esse nome por mudar seu *status* dentro da província, a qual possuía uma fusão de estilo de vida nativo e romano, ficando em segundo lugar, comparada a uma *colonia* (Davies & Robinson, 2009), tal como Camulodunum (Bélo, 2014: 189).

¹⁵ Disponível em <http://romaninscriptionsofbritain.org/inscriptions/683>, acessado em 04/11/2015.

Epitáfio:

D(is) M(anibus)

Ael(ie) Severe honeste femine

coniugi Caec(ili) Rufi quond(am)

vixit an(nos) XXVII m(enses) VIII d(ies) IIII Caec(ilius)

Musicus lib(ertus) e (i)us p(osuit)

Tradução:¹⁶

Cecílio Músico, seu liberto, colocou (este monumento), para os deuses manes, em honra de Élia Severa, mulher honesta¹⁷, antiga esposa de Cecílio Rufo: ela viveu 27 anos, 9 meses e 4 dias¹⁸.

Em várias dessas culturas materiais, evidenciam-se o carinho que os maridos tinham por suas esposas, assim como inscrições que mencionavam expressões amorosas e de ternura, como, por exemplo: “amada esposa” (*RIB* 621), “muito amada esposa” (*RIB* 959) e “a mais devota das esposas” (*RIB* 17) (Allason-Jones, 2004: 280). Nessa perspectiva, pode-se concluir que, ao que parece, essa cultura material demonstra, além de afeto, algo bem diferente da forma como as fontes escritas caracterizaram as mulheres da Antiguidade, conforme foi evidenciado em obras de escritores antigos na primeira parte deste trabalho.

Entretanto, para Fischler (1994), os sepultamentos eram um modo de comemoração para a família desolada, exibindo as virtudes tradicionais da falecida, com o propósito de descrever a falecida nos mais altos padrões esperados pela comunidade, exemplificando-as como um modelo ideal da matrona romana, a qual era notada pela sua beleza, fertilidade e fidelidade ao marido, assim como sua habilidade de dirigir o lar (Fischler, 1994, p. 117).

4- Conclusão

Ao se estudar as mulheres da *Britannia*, deve-se ter em mente que esse não era um grupo homogêneo. Nesse local, antes da chegada dos romanos, habitavam tribos independentes (Allason-Jones, 2012: 467), com atividades, religiões, costumes e tradições distintas das dos invasores. Na verdade, tanto para a população que ali já tinha se alojado quanto para os que vieram depois, havia uma grande variedade de ideias a respeito do *status* das mulheres e do modo como elas deveriam conduzir suas vidas (Allason-Jones, 2012: 467).

¹⁶ Tradução Pedro Paulo A. Funari.

¹⁷ *Honesta femina*, literalmente, “mulher honesta”, termo usado para se referir a uma esposa de membro do conselho municipal, cúria ou senado municipal.

¹⁸ Disponível em <http://romaninscriptionsofbritain.org/inscriptions/683>, acessado em 04/11/2015.



11

Dessa forma, não é tão simples trilhar uma característica, ou mesmo uma identidade, da mulher dessa região e período, através das fontes escritas e, muitas vezes, contraditórias, fontes materiais.

Os dados relativos às mulheres de povos nativos, nas fontes literárias greco-romanas, por exemplo, são escassos e aparecem, especialmente, quando as informações chocam com o conceito tradicional desses autores, assim como a posição das mulheres na família e sociedade, tomando esses modelos como protótipos para exaltar as virtudes romanas (Franco, 1999, p. 57).

Desta forma, os trabalhos de Tácito e Dião Cássio não são apenas uma criação greco-romana, mas também uma reflexão perfeita de um fenômeno complexo que envolve a consideração da diversidade da identidade, cultura e de gênero vista de uma perspectiva estrangeira através do Império Romano. Contudo, seus olhares e representações de suas mulheres podem representar modelos ideais que podem estar amalgamados na sociedade Ocidental até os dias de hoje.

5- Bibliografia

- ALDHOUSE-GREEN, M. 2006. **Boudica Britannia**. London: Pearson Longman.
- ALLASON-JONES, L. 2004. *The Family in Roman Britain*. In: Todd, M. (Ed.). **A companion to Roman Britain**. Oxford: Blackwell Publishing.
- _____. 2012. *Women in Roman Britain*. In: James, L. S. & Dillon, S. (Ed.). **A companion to women in the Ancient world**. Oxford: Blackwell Publishing.
- BELO, T. P. 2014. **Boudica e as facetas femininas ao longo do tempo: nacionalismo, feminismo, memória e poder**. Doutorado apresentado no programa de pós-graduação do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Estadual de Campinas. Departamento de História, especialização em História Cultural.
- BRAUND, D. 1996. **Ruling Roman Britain: kings, queens, governors and emperors from Julius Caesar to Agricola**, London, Routledge. [L]_[SEP]
- CASSIUS DIO. 1925. **Roman History**. Edited by E. Cary, London, G. B. Putman. [L]_[SEP]
- Caesar, C. I. 1988. *De bello Gallico*. Texto latino revisado por Manuel A. Gámez. Barcelona: Bosh.
- DAVIES, J. & ROBINSON, B. 2009. *Boudica: her life, times and legacy*. Cromer: Poppyland Publishing.
- FEITOSA, L. C. 2005. **Amor e sexualidade: o masculino e o feminino em grafites de Pompéia**. São Paulo: AnnaBlume. [L]_[SEP]
- FIELDS, N. 2011. **Boudicca's rebellion AD 60 – 61: the Britons rise up against Rome**. Oxford: Osprey Publishing.
- FISCHLER, S. 1994. *Social Stereotypes and Historical Analysis: the case of the imperial women at Rome*. In: **Women in Ancient Societies**. New York: Routledge.
- FRANCO, H., G. 1999. *La imagen de la mujer "bárbara": a propósito de Estrabon, Tácito e Germania*. In: **Faventia**, 21/1.



12

HINGLEY, R. & UNWIN, C. 2005. **Boudica: Iron Age warrior queen**. London: Hambledon Continuum.

JOHNSON, M. 2012. **Boudicca**. London: Bristol Classical Press.

OMENA, L. M. 2007. *Os Ofícios: Meios de Sobrevivência dos Setores Subalternos da Sociedade Romana*. Disponível em: <http://www.revistafenix.pro.br/PDF10/DOSSIE3.Luciane.Munhoz.de.Omena.pdf>, acessado em 07/11/2015.

SALERNO, M. A. & ZARANKIN, A. 2009. 'Sobre bonecas e carrinhos'; desconstruindo as categorias "feminino" e "masculino" no passado. In: **Especiaria: cadernos de ciências humanas**. vs. 11 e 12, ns. 20 e 21, pp. 219 – 240.

SAMPAIO, A. O. & VENTURINI, R. L. B. 2009. Uma breve reflexão sobre a família na Roma Antiga. *VI Jornada de Estudos Antigos e Medievais – Trabalhos Completos* – ISBN: 978-85-99726-09-9. Disponível em:

<http://www.ppe.uem.br/jeam/anais/2007/trabalhos/030.pdf>, acessado em 07/11/2015.

SEALEY, P. R. 1997. **The Boudican revolt against Rome**. Oxford: Shire Publications LTD.

TACITUS, P. C. 1914. **Agricola**. London: William Hinemann LTC; Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press.

_____. 1968. **The Annals of Imperial Rome**. Great Britain: Penguin Classics.

VARELLA, F. F. 2006. *A proximidade feminina e a imagem Imperial: Nero, Tácito & os Anais*. In: Revista electronica: **Cadernos de História**. Ano I, n.2. www.ichs.ufop.br/cadernosdehistoria, ISSN 1980-0339.